

EMANANCIPAÇÃO E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO FEMININO: AS TRABALHADORAS DOS SUPERMERCADOS

Deanne Teles Cardoso - Mestranda em Geografia/PPG/UFG/CAC/Membro do NEPSA/UFG/CAC. deannetc@hotmail.com

José Vieira Neto - Professor/Orientador/PPG/UFG/CAC/Membro do NEPSA/UFG/CAC. jovineto@hotmail.com

Resumo: O artigo parte de uma pesquisa bibliográfica sobre a mulher e a sua inserção no mercado de trabalho. É resultado dos primeiros passos rumo a um trabalho voltado a discussão das atividades laborais realizadas por mulheres nos supermercados, e que se propõe questionar o papel que a mulher desempenha atualmente na sociedade, como dona de casa, mãe, e quando trabalha como contribuinte para a economia mercantil, buscando compreender a atuação da mulher como trabalhadora, colocando em foco sua historicidade, sua luta, conquista e produção, de acordo com a análise realizada na atividade laboral feminina, bem como levando em consideração as relações de gênero no contexto do trabalho.

Palavras chave: mulher, trabalho, conquista.

INTRODUÇÃO

O capitalismo trouxe para as cidades, atraídas pelo o que o capital pode proporcionar as pessoas do campo, fez surgir, desenvolver e crescer indústrias, o comércio e a prestação de serviços.

A cidade continua crescendo, recebendo pessoas, fábricas, tecnologia, entre outros. Nos últimos anos o processo de urbanização se intensificou e atualmente mais de 80% da população vive em áreas urbanas residindo nas cidades onde estão os processos de construção e produção, e conseqüentemente crescendo e se expandindo. Processo que beneficiou inicialmente as capitais e atualmente atinge as cidades interioranas.

Há diferentes movimentos na cidade em direção ao desenvolvimento, ao “progresso”, à ampliação de sua malha, em direção ao futuro e à reafirmação das cidades concretas como lugares da vida dos homens. [...] É no dia a dia que as coisas na cidade devem funcionar em primeiro lugar: os meios de transportes coletivos e suas linhas de circulação, as vias e a garantia de tráfego ininterrupto, os pontos de serviços emergenciais, como postos de gasolina, farmácias, padarias, caixa eletrônicos de banco e outros, os mais diversos... (CAVALCANTE, 2008, p. 117)

A cidade então é cada vez mais resultado do capitalismo, quando esse processo se transforma em função do capital, surge a necessidade do comércio, da produção de bens e da disponibilidade de serviços, atingindo todas as esferas de desenvolvimento. Santos (1993), afirma que “praticamente o país inteiro é alcançado pelas formas produtivas modernas e não apenas os polos”.

Para Carlos (2008), a cidade é essencialmente o lócus da concentração de meios de produção e de concentração de pessoas, é o lugar da divisão econômica do trabalho (o estabelecimento industrial num determinado lugar, os galpões, os escritórios entre outros). É nas cidades que estão as oportunidades de trabalho, as possibilidades de ascensão social, pois é lá que estão as escolas, universidades, fábricas, comércio entre outros.

Rochefort (1998) afirma que, na organização da vida econômica da modernidade vários serviços entre eles bancos, escolas, comércios e serviços de saúde se tornam cada vez mais indispensáveis para as cidades. O século XIX trouxe transformações técnicas e econômicas ao Brasil e com a chegada de novas tecnologias os supermercados que é onde se dará o estudo eram pequenos comércios, evoluíram e se transformaram em lojas de livre serviços, tornando forma dominante de vendas a varejo.

O amplo e movimentado espaço reservado para as compras não lembra mais em nada os armazéns e mercearias de secos e molhados com seus balcões e os mantimentos para serem vendidos à granel.

Hoje o entra e sai de pessoas das mais variadas classes sociais se dá pela busca de produtos industrializados que se tornam cada dia mais necessários, uma vez que são idealizados pela sociedade de consumo. A imposição do modo de vida voltado para o consumo surge para atender aos interesses das grandes indústrias a fim de movimentar sua produção.

O capital torna-se fator determinante do modo de vida do homem, variando de acordo com seu acesso a ele por meio do trabalho, o qual o proletariado é obrigado a aceitar determinadas condições, como jornadas abusivas, intervalos reduzidos e baixa remuneração, já que nas cidades, não há emprego para todos e são poucos os que conseguem, já que as cidades sofrem as redefinições tecnológicas e gerenciais do mundo do trabalho (THOMAZ JR., 2001).

De acordo com Catani, (1994, p. 29), a força de trabalho humana é uma mercadoria, que passa a ser trocada por dinheiro na sociedade capitalista que permite a exploração total da mão de obra operária para fins lucráveis e o acúmulo de capital, afirmando a desigualdade social.

É nesse cenário que irá transcorrer o texto, na cidade como lócus da evolução da sociedade capitalista que cria e reproduz um modelo de trabalho de exploração da mão-de-obra, com enfoque principal para a luta da mulher na conquista do seu espaço nesse mercado de trabalho, na busca incessante pela sua emancipação como integrante da população economicamente ativa.

A discussão sobre a categoria trabalho, assim como também as questões de gênero aparecem no cenário da Geografia, enquanto estudo das transformações do cotidiano a partir das relações de produção e reprodução do espaço, onde a divisão sexual do trabalho resulta de um sistema patriarcal capitalista que confere às mulheres um baixo prestígio social e as submete aos trabalhos mais precarizados e desvalorizados (CISNE, 2012, p. 109).

A mulher sempre trabalhou da mesma forma que o homem, participando do sistema produtivo e até mesmo em lutas, batalhas e guerras. Um trabalho duro e em momento algum reconhecido, eis então a questão, a ausência do reconhecimento do trabalho feminino. Por vários momentos a mulher teve e tem até os dias atuais que lutar pelo reconhecimento e valorização de seu trabalho, de seus feitos e competências constituindo a problemática que por toda a história feminina torna-se um entrave na vida de praticamente todas as mulheres que hoje desempenham diversos e distintos papéis.

Estudar o trabalho feminino torna-se cada dia mais necessário, pois, é notável a crescente participação da mulher nos diversos setores da economia, política e do social como um todo, e que no momento é posto em questão o cotidiano de inúmeras mulheres no mercado de trabalho, mostrando a evolução e a superação bem como as conquistas profissionais.

Nesse contexto, discutir as relações entre homem e mulher, a divisão sexual do trabalho é preciso, repensar teoricamente a “identidade definida” das mulheres como categoria a ser defendida e emancipada no movimento feminista parece ter sido a principal tarefa de Butler (2003, p. 17),

Em sua essência, a teoria feminista tem presumido que existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior do seu próprio discurso, mas constitui o sujeito, mesmo em nome de quem a representação política é almejada.

A atualidade exige que se construa uma nova forma de se pensar na mulher, no feminino, enquanto construção de seu próprio espaço e a Geografia está a frente dessa discussão, uma vez que estudar a inserção da mulher no mercado de trabalho, torna-se relevante para a sociedade que recebe uma nova mulher que enquanto realiza sua atividade laboral causa transformações em uma estrutura hierárquica patriarcal e altera o cenário global como um todo, onde a perspectiva de análise de gênero possibilita perceber que a subalternidade conferida às mulheres é resultado de uma construção social, portanto, histórica, e não de uma essência natural feminina (CISNE, 2012 p.22).

A mulher entra na busca pela conquista do seu espaço no mercado de trabalho, e ao conquistar o direito de trabalhar enfrenta e supera barreiras que a obriga assumir vários papéis que vão além de provedora econômica, já que a educação dos filhos e as atividades domésticas ainda são responsabilidades femininas. Nogueira (2011), evidencia que a mulher trabalhadora padece de uma dupla (e às vezes tripla) e desigual jornada tanto no espaço do trabalho quanto no universo da reprodução.

EMANCIPAÇÃO E PRECARIZAÇÃO

A evolução da sociedade capitalista criou uma nova mulher, que sai de casa para trabalhar, ajudar, e em alguns casos assumir totalmente o orçamento doméstico como responsáveis pelo lar e chefes de família. A mulher deixou de realizar somente os serviços da casa que realizava sozinha sem ajuda e/ou participação do homem, simplesmente por uma questão machista que por meio de imposição coloca o trabalho doméstico como atribuição apenas a ela e esta deveria realizá-lo sem qualquer remuneração. Hoje é mãe, filha, dona de casa, esposa, estudante e trabalhadora entre outras funções, e ao assumir os mais variados papéis os desenvolvem com a maior competência.

A mulher hoje constitui a maior parcela da população brasileira, estando presente também em maior número nas universidades, objetivando uma melhor preparação para assumir os papéis de controle, chefia e comando. Embora sabido que muitos obstáculos terão que ser superados, dentre eles o descumprimento de leis que garantem que homens e mulheres tenham as mesmas oportunidades de emprego e direitos semelhantes, os quais na prática não acontecem, por mais que o mundo do trabalho está presenciando uma feminização. (NOGUEIRA, 2011 p.108)

Acreditava-se, ou melhor, determinava-se que o papel da mulher e o papel do homem estavam bem definidos e estabilizados por tradições e costumes conservadores, porém, o cenário mudou. E isso se deu em função do desenvolvimento político, social, econômico e cultural do país nas últimas décadas, influenciando e modificando a maneira de pensar, agir e viver das mulheres brasileiras como um todo.

A mulher atual busca não mais ser dependente do homem nos diversos sentidos e principalmente financeiramente o que significa uma tarefa nada fácil de ser realizada e nem tão próxima de ser conquistada. A mulher não pensa igual ao homem em vários momentos e isso a proporciona desafios, a leva optar por escolhas que lhes ocasiona

ganhos e perdas como principalmente a maternidade, que é retardada e até abdicada em algumas situações em troca de uma carreira profissional bem sucedida. São obrigadas a realizar tarefas semelhantes a dos homens por salários inferiores com rendimento médio de cerca de apenas 72,3% do valor que recebem os homens conforme dados da Pesquisa Mensal de Emprego 2012 realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, e se sujeitarem a péssimas condições de trabalho, para assumir um importante papel enquanto integrante da população economicamente ativa, participando da população ocupada com 94,8% da mão-de-obra feminina empregada nos serviços domésticos, seguido dos empregos na Administração Pública 64,1% e posteriormente no comércio 42,6%, quando fundamentalmente se concentram na carga horária parcial, conforme Nogueira (2011), quando constata que podemos afirmar que os trabalhos de jornadas parciais estejam mesmo reservados para as mulheres trabalhadoras porque culturalmente (e por interesse da própria lógica do capital) na sociedade patriarcal, as prioridades femininas residem fundamentalmente na esfera doméstica. (NOGUEIRA, 2011 p.94)

A conquista do trabalho, o alcance desse estágio na condição de mulher não foi e ainda não é nada fácil. Há algumas funções que são somente destinadas a elas e conseqüentemente mal remuneradas, fazendo justo o significado do verbo trabalhar que se associa a tortura, sofrimento e dificuldades.

Por vários momentos a mulher teve e tem até os dias atuais que lutar pelo reconhecimento e valorização de seu trabalho, de seus feitos e competências constituindo a problemática que por toda a história feminina torna-se um entrave na vida de praticamente todas as mulheres que hoje desempenham diversos e distintos papéis. Compreender contemporaneamente a *classe-que-vive-do-trabalho* desse modo ampliado, como sinônimo de *classe trabalhadora*, permite reconhecer que o mundo do trabalho vem sofrendo mutações importantes. (ANTUNES, 2009, p.104).

Faz-se importante saber quem são essas mulheres, quais os outros papéis que elas desenvolvem em seu cotidiano, como também reconhecer as diferenças existentes entre gênero impostas no ambiente de trabalho dos supermercados resultante da participação da mulher no comércio como trabalhadora, pois ao sair de sua casa e ir para o trabalho a mulher transforma todo um sistema histórico e social onde o patriarcado é predominante e a faz sujeita da submissão e da exclusão social, quando a marido é o provedor financeiro da família e a mulher realiza o trabalho doméstico não remunerado

e quando sai de casa para trabalhar se torna uma provedora complementar confirmando a desigualdade na divisão sexual do trabalho. (NOGUEIRA, 2011 p. 23)

Os supermercados foram escolhidos para o estudo uma vez que ao se instalarem modificam toda a estrutura de uma determinada localidade como infraestrutura do local, a paisagem, o trânsito e entre outras mudanças físicas os supermercados trouxeram um novo modelo de consumir principalmente para as pequenas cidades como é o caso de Morrinhos (GO), que até pouco tempo não disponibilizava um espaço destinado às compras com grande disponibilidade de produtos e ofertas, variedade de marcas e modelos, além de um ambiente agradável que favorece as compras e o consumo.

Ao adentrar nos supermercados é facilmente possível perceber a presença da mulher realizando seu cotidiano de trabalho. Visivelmente elas estão em maior número realizando as mais variadas tarefas como nos caixas, nas padarias, nos balcões de atendimento ou na limpeza dos mesmos, e é por essa razão que a mulher trabalhadora nos supermercados se torna o sujeito da pesquisa em questão.

É preciso pensar nessas mulheres, buscar respostas para inquietações como quem são essas mulheres? Onde trabalhavam anteriormente? Onde estão as mulheres nos supermercados? Assumem os cargos de chefia? Qual a função destinada a elas? Qual sua remuneração e principalmente quais são as condições de trabalho impostas para as trabalhadoras? São as questões que permeiam a pesquisa que pretende afirmar ou negar a existência do trabalho precarizado e em caso de afirmação, investigar a partir de quais condições é realizado esse trabalho.

Nogueira (2011, p. 29) aponta que: “[...] a acentuada inserção da mulher no mundo do trabalho se dá prioritariamente nos espaços dos empregos precários, de baixos salários, de tempo parcial (ou nas jornadas de meio período), ou seja, com forte exploração da força de trabalho”.

A mulher trabalhadora assume o enfrentamento quando sai de casa para realizar uma atividade laboral remunerada e para isso se sujeita as condições de submissão e precariedade para a realização da mesma. Realiza trabalhos determinados pela sociedade como masculinos em troca de remuneração inferior. Possui em alguns casos qualificações semelhantes ou até mesmo superiores a dos

homens, mas encontra dificuldades em alcançar os cargos de chefia e salários compatíveis quando homens e mulheres realizam a mesma tarefa. Estão empregadas em trabalhos de baixa remuneração salarial e em muitas situações as profissões se tornam extremamente femininas, realizadas apenas por elas.

Em uma futura pesquisa que irá ser realizada no município de Morrinhos (GO), espera-se então avaliar a inserção da mulher no mercado de trabalho, bem como o movimento de emancipação juntamente com as leis que asseguram o trabalho feminino, enumerando as questões pertinentes à divisão sexual do trabalho e a precarização do trabalho feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que a passos lentos em caminhos difíceis e pedregosos não se pode negar que houve um imenso e notável avanço na busca da mulher pela sua emancipação e a conquista por seu espaço no mercado de trabalho. Aquela mulher que no passado ficava em casa com a total responsabilidade do cuidado com os filhos e das tarefas domésticas, hoje enfrenta com muita garra e coragem jornadas duplas ou até triplas de trabalho fora e dentro de casa. Assume os mais variados papéis na estrutura familiar e principalmente em grandes momentos tem o papel de provedora financeira do lar, atuando ativamente no espaço produtivo e no reprodutivo instantaneamente.

Sua remuneração mensal não está em muitos casos apenas como complemento da renda mensal da família, e sim assumindo o papel principal no orçamento familiar. Então, por isso a mulher está presente no mundo do trabalho não apenas pela necessidade de emancipação, mas também para suprir as suas necessidades básicas de sobrevivência.

O texto apresentado tem como objetivo desencadear uma pesquisa que aborda o cotidiano de mulheres que trabalham em supermercados no município de Morrinhos (GO), que após suas instalações fizeram com que a população se deparasse com a possibilidade de realizar suas compras em lojas que reproduzem o cotidiano das grandes cidades, com espaços bem iluminados, música ambiente, diversidade de produtos, inúmeras máquinas para o atendimento e para as trabalhadoras surge a possibilidade de um emprego com remuneração mensal. Resta saber agora quais são as condições que essas mulheres se submetem para realizar seu trabalho diário nesses supermercados e

principalmente qual é essa remuneração paga pelas horas dedicadas para as tarefas determinadas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo L. C. **Os sentidos do trabalho** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho [2.ed.] São Paulo: Bom Tempo, 2009. 287 p (Mundo do trabalho)

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re) Produção do Espaço Urbano**. 1. Ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é Capitalismo**. 33ª edição. São Paulo, 1994.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 2008.

CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. 1. ed. – São Paulo: Outras Expressões, 2012. 144p.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatística/Trabalho e rendimento**. 08 de março de 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento>>. Acesso em out. 2012.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Mensal de Emprego – PME**. Dia Internacional da Mulher. Mulher no Mercado de Trabalho. 08 de março de 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf> Acesso em jun. 2013.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **O trabalho duplicado: a divisão sexual no trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing**. 2 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2011.

ROCHEFORT, Michel. **Redes e Sistemas**. São Paulo: HUCITEC, 1998.

SANTOS, Milton, **A urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

THOMAZ JÚNIOR, Antônio. **Desenho Societal dos Sem Terra no Brasil: uma contribuição à leitura geográfica do trabalho**. Pegada, Presidente Prudente, V. 2, n. 2, 2001.